

Thalita Mascarelo da Silva¹
Heloisa Vieira Prado²
Tatiana Breder Emerich¹
Aline Guio Cavaca¹
Adauto Emmerich Oliveira¹
Victor Gentili¹

Health and the Unified Health System behind the scenes: what do journalists have to tell us?

A saúde e o Sistema Único de Saúde nos bastidores da imprensa: o que os jornalistas têm a nos dizer?

ABSTRACT | Introduction:

The Press selects, transforms, produces, and excludes information daily concerning citizens' social agenda, thus influencing reflections and conditioning their daily life, especially in relation to health care. Objective: To understand the media releases related to health care, particularly the Health Unified System, based on analysis of the material released in the Espírito Santo's newspapers, A Tribuna and A Gazeta, from January 2011 to December 2012, and through the journalists' perception of these vehicles, in order to discuss how health care and SUS are represented. Methods: Two approaches were used in the study, namely, a quantitative one, in relation to the characteristics of the news published in the periodicals, and a qualitative one, through content analysis and interviews with the journalists who write about health care in the newspapers A Tribuna and A Gazeta. Results: altogether 6,103 health care news items were found in the newspaper A Tribuna, where 1,030 of them were on Health Unified System. In A Gazeta, there were 4,663 news reports on health care, 562 of which were about the Health Unified System. According to journalists, the news production is embedded in a journalistic culture that values the extraordinary and current events in which the health care agenda usually fits, when there are epidemics and negative events. Conclusion: it was evident that the release of health care news follows the newsworthiness criteria of journalism, not quite questioned by journalists, and that certain topics tend to be neglected because they do not fit in these criteria, and that the news that spread most about the Health Unified System tend to show only their problems.

Keywords | Public Health; Health Communication; Health Unified System.

RESUMO | Introdução: A imprensa seleciona, transforma, produz e exclui informações diariamente da agenda social dos cidadãos e pode, assim, influenciar reflexões e condicionar aspectos do cotidiano, principalmente em relação à saúde. **Objetivo:** Objetivou-se compreender a divulgação midiática de saúde e particularmente do Sistema Único de Saúde a partir de uma análise das matérias veiculadas pelos periódicos capixabas *A Tribuna* e *A Gazeta*, no período de janeiro de 2011 a dezembro de 2012, e por meio da análise da percepção dos jornalistas desses veículos, a fim de discutir como a saúde e o SUS são representados. **Métodos:** Foi utilizada uma abordagem quantitativa em relação às características das notícias publicadas nos periódicos e uma qualitativa, por meio da análise de conteúdo, mediante entrevistas realizadas com os jornalistas que escrevem sobre saúde nesses jornais. **Resultados:** Ao todo, 6.103 notícias sobre saúde foram encontradas no periódico *A Tribuna*, sendo 1.030 delas sobre o tema SUS. Em *A Gazeta*, foram 4.663 notícias referentes à saúde, sendo 562 sobre o SUS. De acordo com os jornalistas, a produção noticiosa está inserida numa cultura jornalística que valoriza os acontecimentos extraordinários e atuais, na qual a pauta de saúde usualmente se enquadra quando há epidemias e eventos negativos. **Conclusão:** Foi evidenciado que a divulgação das matérias sobre saúde obedece aos critérios de noticiabilidade do jornalismo, pouco questionados pelos jornalistas. Destaca-se, ainda, que certas temáticas tendem a ser negligenciadas por não se enquadrarem nesses critérios e, também, que as matérias as quais mais difundem episódios relacionados ao SUS tendem a dar visibilidade apenas a suas mazelas.

Palavras-chave | Saúde Pública; Comunicação em saúde; Sistema Único de Saúde.

¹Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória/ES, Brasil.

²Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG, Brasil.

INTRODUÇÃO |

No atual cenário social, a mídia desempenha um papel relevante de produzir realidades e novas formas de interação¹. A imprensa seleciona, transforma, produz e exclui informações diariamente da agenda social dos cidadãos e pode, assim, influenciar reflexões e condicionar aspectos do cotidiano². A influência da mídia no comportamento humano é contundente, já que é por meio da absorção de informações trazidas por ela que as pessoas tendem a perceber o mundo e a se relacionar cotidianamente³.

No que tange à saúde pública, além de informar, os meios de comunicação podem exercer a função de promovê-la e, também, de educar a sociedade a seu respeito, visto que os jornais fazem parte da rotina dos cidadãos⁴. Nesse sentido, as informações neles contidas tornam-se mais acessíveis do que aquelas presentes em uma pesquisa científica, por exemplo. Por isso, torna-se válida uma análise crítica sobre como os jornais comunicam à população assuntos de interesse público relacionados à saúde. Um dos pontos principais que motivam pesquisadores diz respeito à “qualidade da informação” disponibilizada pela imprensa, havendo uma clara inquietação sobre o desempenho do papel social exercido pelo jornalismo em sua função política⁵.

É importante destacar aspectos jornalísticos indispensáveis para um bom entendimento da profissão jornalista. Ao longo dos anos, diversas teorias foram pensadas com o intuito de nortear a prática jornalística com base em características predominantes que pudessem explicar como se origina uma notícia. Traquina⁶ esclarece essas hipóteses, desde a Teoria do Espelho até a Teoria Interacionista, da mais obsoleta até a mais complexa. Uma das interpretações possíveis consiste no fato de que o jornalismo se tornou uma empresa jornalística, a qual almeja lucro, além de ter de se defrontar com o desafio de uma rotina diária muitas vezes incapaz de satisfazer, de fato, o que a sociedade precisa saber².

Além das teorias do jornalismo, é importante ressaltar que determinados valores-notícia fazem parte da decisão do jornal de permitir que o acontecimento se converta em notícia ou não. A noticiabilidade é formada pelo conjunto de pré-requisitos jornalísticos de que os acontecimentos devem dispor para adquirirem espaço na mídia e, portanto, configurarem notícia vendável. O que não corresponder a esses valores-notícia tende a ser desvalorizado por não convir com o perfil de rotina da produção jornalística⁶.

Em meio aos assuntos destinados ao campo da saúde, o Sistema Único de Saúde (SUS) surge de forma singular e central tanto em relação ao cotidiano da população brasileira quanto como tema de pauta nos meios de comunicação, visto que o SUS é o sistema de saúde vigente no país. Por meio do SUS, a saúde passou a ser um direito constitucional, garantido de modo universal, integral e equitativo, intrinsecamente ligado à condição de cidadania⁷.

Diante disso, o campo da comunicação e saúde se destaca de maneira a agregar uma interconexão de saberes, atores e instituições da área da comunicação e da área da saúde⁸. Esse novo campo de conhecimento tem por intento estudar a produção de sentidos, os saberes, as práticas e os processos da comunicação que sejam importantes para consolidar e emancipar o cidadão em relação às informações de saúde⁸. Nesse sentido, este estudo problematiza o processo de divulgação midiática sobre os assuntos da saúde nos jornais de maior expressão do Espírito Santo, *A Tribuna* e *A Gazeta*, com base em notícias sobre o SUS.

Dessa maneira, objetiva compreender as interfaces envolvidas no processo de divulgação das notícias relativas à saúde por meio da fala dos jornalistas, bem como entender a representação do SUS nos periódicos capixabas.

MÉTODOS |

A pesquisa incluiu os mais importantes periódicos do Estado. Tradicionalmente, considerava-se que o jornal *A Gazeta* destinava suas matérias prioritariamente a um público mais elitizado e, portanto, constituía-se em um jornal mais conservador. Em contrapartida, o jornal *A Tribuna* teria um foco maior nas classes mais populares⁹. Entretanto, esses perfis têm se confundido na atualidade devido à precariedade das próprias redações e às reformulações estéticas e editoriais ocorridas ao longo dos anos. Por isso, cada vez mais esses periódicos têm se apresentado com abordagens semelhantes, homogêneas e similares, dificultando a distinção de um perfil elitista ou popular¹⁰. Acrescenta-se ainda a ausência de uma editoria ou de equipe especializada para a temática de saúde em ambos.

O estudo ocorreu em duas etapas: análise das matérias sobre o Sistema Único de Saúde em comparação com os outros temas da saúde veiculados na mídia impressa capixaba; e

análise das entrevistas com os jornalistas dos periódicos considerados, a fim de desvelar o processo de construção das notícias na perspectiva desses atores, além de refletir como as matérias que abordam a saúde e, especificamente, o SUS vêm sendo midiaticizadas e comunicadas à população capixaba.

Etapa 1 - análise quantitativa das matérias: Esta fase da pesquisa consistiu na coleta de matérias dos jornais *A Tribuna* e *A Gazeta* sobre o Sistema Único de Saúde, por meio da leitura individual de cada exemplar dos jornais no período de 1º de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2012. As matérias sobre saúde foram classificadas em uma ficha de análise, posteriormente digitadas e conformadas em um banco de dados no programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 16.0.

As variáveis de análise foram: nome do jornal no qual a notícia foi veiculada; caderno ou editoria que pautou o sistema; dia da semana em que a notícia foi publicada; presença de elementos de edição; gêneros jornalísticos; e origem da matéria noticiada.

Etapa 2 – análise qualitativa das entrevistas: Foram realizadas quatro entrevistas com jornalistas, sendo dois do jornal *A Tribuna* e dois do jornal *A Gazeta*. Primeiramente, foram identificados os jornalistas a serem entrevistados, escolhidos em função da relevância que apresentam para o assunto, levando-se em consideração as matérias analisadas. Dessa forma, após a pesquisa prévia nos dois jornais, foram selecionados os repórteres que mais escreviam sobre a temática de saúde. Cabe destacar que, além de repórteres, também foram entrevistados os editores-chefes do caderno *Cidades* de ambos os jornais, editoria que concentra a maior parte das notícias sobre a temática.

Esses atores foram entrevistados com base em um roteiro-guia pautado pelo *Manual de Comunicação eficaz com a mídia durante emergências de Saúde Pública*¹¹, o qual foi o norteador das entrevistas e contemplou aspectos relacionados à lógica de produção das notícias de saúde. As perguntas norteadoras do roteiro-guia utilizadas nesta pesquisa (Quadro 1) foram previamente testadas em um estudo-piloto realizado com uma jornalista de um dos jornais. Essa entrevista não foi incorporada ao *corpus* de análise do trabalho.

Após a elaboração do roteiro e a identificação dos atores, foi realizado o contato com os jornalistas e o agendamento das entrevistas, as quais ocorreram de julho a outubro de

Quadro 1 - Perguntas norteadoras das entrevistas, Espírito Santo, Brasil

1. Como você percebe o cenário da divulgação de notícias sobre saúde nos jornais?
2. Como jornalista, como você participa nesse processo?
3. Em sua opinião, quais são as principais necessidades de saúde do ES?
4. Como você considera que a mídia aborda essas necessidades?
5. Você gostaria de dizer ou acrescentar algo sobre esse assunto?

2014, com duração média de 30 minutos, realizadas face a face no próprio ambiente de trabalho dos jornalistas (em três delas) e no *campus* da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, primando pela ausência de pessoas que pudessem causar constrangimento ao entrevistado ou que inibissem sua fala. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra com o auxílio do programa *Listen N Write*.

Posteriormente à organização do material com a transcrição integral das entrevistas, o material empírico foi submetido à técnica de análise de conteúdo, por meio da análise temática, a qual consiste “[...] em descobrir os núcleos de sentidos que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”¹⁰. Dessa forma, como preconizado por Bardin¹², organizou-se a análise de conteúdo em três etapas, explicadas a seguir.

- 1) A **pré-análise**, executada mediante a *leitura flutuante* das quatro entrevistas transcritas, para o levantamento das primeiras impressões, tendo como objetivo a identificação das falas significantes, aplicando-se os princípios de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência.
- 2) A **exploração do material**, permitindo a composição das categorias de significados correspondentes às falas significantes similares, os quais se configuram em um arranjo de codificações (Quadro 2).
- 3) O **tratamento dos resultados, a inferência e interpretação**, emergindo da análise oito categorias empíricas, que foram submetidas ao tratamento de resultados, sendo reagrupadas em duas dimensões analíticas (Quadro 2).

Para categorização, utilizou-se como instrumento o *software* de análise de dados qualitativos MAXqda 11.0, tornando

Quadro 2 - *Categorias empíricas, dimensão analítica e seus significados com base na análise das entrevistas com os jornalistas dos jornais A Tribuna e A Gazeta, Espírito Santo, Brasil*

Categorias empíricas	Dimensão analítica	Significado
1. Especialização em matérias de saúde 2. As fontes e o jornalista 3. O editor-chefe e as reuniões de pauta 4. Jornalista versus relógio	I – Problemas e dificuldades no caminho diário dos jornalistas	Dificuldades enfrentadas pelos jornalistas em sua rotina de trabalho e como isso influencia o processo de produção de matérias sobre saúde.
5. Estética e dicas de saúde 6. Inovações e atualidades 7. A denúncia e o negativo 8. O que o povo gosta de ler	II – Divulgação midiática referente à temática saúde	O que é mais divulgado e destacado pela mídia impressa capixaba.

a análise qualitativa mais precisa e auxiliando no manejo do material transcrito. Esse *software* também tem sido empregado por outros pesquisadores para análise de entrevistas na área de saúde¹²⁻¹³.

A pesquisa que aqui se apresenta foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFES em 28/05/2014 (CAAE: 25789313.0.000.5060), tendo sido requerida dos entrevistados a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS/DISCUSSÃO |

As análises quantitativas foram baseadas na totalidade de matérias encontradas sobre o SUS em relação ao total de matérias sobre outros temas da saúde existentes nos jornais em cada caderno ou editoria de *A Tribuna* e *A Gazeta*, no período de 2011 a 2012.

Ao todo, 6.103 notícias sobre saúde foram encontradas no periódico *A Tribuna*, sendo 1.030 delas sobre o tema SUS. Em *A Gazeta*, foram 4.663 notícias referentes à saúde, sendo 562 sobre o SUS. Portanto, o número de notícias coletadas sobre saúde em ambos os jornais corresponde a 10.766, com 1.592 delas abordando o SUS. Na comparação dos jornais, 64,7% das matérias sobre o SUS foram veiculadas por *A Tribuna*, enquanto 35,3% representam matérias do jornal *A Gazeta*. Já em relação aos outros temas da saúde encontrados, 55,3% estavam presentes em *A Tribuna* e 44,7%, em *A Gazeta*.

É importante perceber as características das editorias e dos cadernos dos jornais para se compreender o porquê de o tema SUS ter aparecido mais frequentemente em

certos espaços. Ambos os periódicos possuem a seção *Cidades*, por exemplo, a qual aborda prioritariamente assuntos pertinentes ao Espírito Santo. No caso de *A Tribuna*, o jornal aborda especificamente assuntos da região denominada Grande Vitória, enquanto *A Gazeta* pauta notícias sobre o Estado como um todo. Editorias que tratam particularmente sobre assuntos do cotidiano do Estado, como *Cidades*, *Regional* e *Giro Capixaba*, aparecem entre as seções que abordam o SUS frequentemente no noticiário, demonstrando, assim, que os jornais entendem o SUS como um assunto importante que, conseqüentemente, deve ser abordado de modo rotineiro na agenda de informações do cidadão capixaba.

No que diz respeito ao periódico *A Tribuna*, o jornal possui um maior número de editorias e cadernos, além de um número superior de páginas. No entanto, os resultados em relação às editorias ou aos cadernos que mais apresentaram como conteúdo o SUS foram similares em ambos os jornais. Das editorias que veicularam temas de saúde, as que proporcionalmente mais abordaram o SUS foram *Giro Capixaba* (53,4%), *Regional* (45,0%) e *Opinião* (40,2%), como mostra a Tabela 1.

Apesar de, proporcionalmente, o SUS ser mais veiculado nas três seções especificadas acima, o sistema, ainda assim, é quantitativamente muito pautado pelas outras editorias do jornal, como *Cidades* (n = 345) e *Política* (n = 118), com exceção da editoria de temas internacionais (n = 0), o que evidencia que o SUS é uma pauta prevalentemente nacional, que agrega discussões políticas e rotineiras na sociedade capixaba.

Em relação aos dias da semana, torna-se evidente que, nos dias úteis, o SUS é mais abordado pelos jornais, enquanto no sábado o assunto começa a decair, sendo o domingo o

Tabela 1 - Cadernos ou editorias, jornal A Tribuna, 2011-2012

A Tribuna	Aborda o SUS		Não aborda o SUS	
	N	%	N	%
SUS pouco abordado				
Internacional	0	0,0%	228	100,0%
Esportes	1	0,3%	396	99,7%
Ciência e Tecnologia	9	1,3%	677	98,7%
Caderno Especial	21	3,9%	511	96,1%
AT2	49	4,7%	997	95,3%
SUS abordado frequentemente				
Economia	16	15,4%	88	84,6%
Dia-a-Dia	78	19,1%	331	80,9%
Cidades	345	20,4%	1346	79,6%
Giro Geral	8	25,0%	24	75,0%
Polícia	11	26,8%	30	73,2%
SUS muito frequentemente abordado				
Reportagem Especial	50	30,1%	116	69,9%
Política	118	36,8%	203	63,2%
Página Três	14	36,8%	24	63,2%
Opinião	298	40,2%	444	59,8%
Regional	117	45,0%	143	55,0%
Giro Capixaba	39	53,4%	34	46,6%

dia em que, proporcionalmente, menos se aborda o tema (n = 157, correspondendo a 8,4% das matérias de saúde veiculadas nesse dia). Na segunda, a quantidade de páginas nos jornais é menor e, por isso, notícias tanto sobre o SUS quanto sobre outros temas da saúde são encontradas com menor frequência do que nos outros dias da semana, conforme Tabela 2.

Tabela 2 - Dias da semana, jornais A Gazeta e A Tribuna, 2011-2012

Dias da semana	Aborda o SUS		Não aborda o SUS	
	N	%	N	%
Segunda	141	15,0%	798	85,0%
Terça	282	16,5%	1427	83,5%
Quarta	272	17,6%	1270	82,4%
Quinta	269	17,6%	1260	82,4%
Sexta	256	16,5%	1298	83,5%
Sábado	215	13,2%	1418	86,8%
Domingo	157	8,4%	1703	91,6%

O SUS, portanto, é visto como um assunto cotidiano das pessoas, sendo pautado predominantemente de segunda a sexta. Sobre o jornal *A Gazeta*, vale ressaltar que grande parte de suas notícias sobre outros temas da saúde está presente no caderno *Vida* (n = 2263, equivalendo a 99,4% das matérias concentradas nessa seção), enquanto o SUS concentra apenas 0,6% das suas matérias nesse mesmo caderno. Portanto, o caderno *Vida* prioriza matérias sobre a temática de saúde de uma perspectiva mais genérica, principalmente aquelas relacionadas à qualidade de vida, alimentação e estética, conforme se observa na Tabela 3.

Tabela 3 - Cadernos ou editorias, jornal A Gazeta, 2011-2012

	Aborda o SUS		Não aborda o SUS	
	N	%	N	%
Abordam pouco o SUS				
Mundo	0	0,0%	185	100,0%
Esportes	1	0,5%	181	99,5%
Vida	14	0,6%	2263	99,4%
Caderno 2	1	0,6%	155	99,4%
Abordam frequentemente o SUS				
Economia	5	16,7%	25	83,3%
Política	30	19,6%	123	80,4%
Abordam muito frequentemente o SUS				
Da redação	9	34,6%	17	65,4%
Cidades	249	34,7%	469	65,3%
Opinião	99	39,4%	152	60,6%

De modo semelhante, os jornalistas apontaram nas entrevistas que as matérias sobre saúde são divulgadas predominantemente na perspectiva da estética, da qualidade de vida e do bem-estar. Uma das entrevistadas do jornal *A Gazeta* ressaltou a existência da editoria específica para esses assuntos, o caderno *Vida*, que tem a estética como enfoque principal:

A gente sempre fala da dieta da moda, então a gente sempre fala da questão de como entrar em forma, de como emagrecer... aqueles superalimentos, a dieta anticâncer, o gojiberry, o leite disso, o leite daquilo, a substância daquilo outro... (Jornalista C).

Outros estudos também sinalizam essa tendência de divulgação sobre estética na mídia impressa capixaba, principalmente no que tange à saúde bucal¹⁴.

Reiterando a discussão sobre os cadernos ou as editorias dos jornais, desperta a atenção o caderno denominado

Opinião surgir como destaque em relação às notícias sobre o SUS (n = 99 para *A Gazeta* e n = 298 para *A Tribuna*). Esse caderno consiste em uma parte do jornal destinada a abrir espaço para o leitor explicitar a sua opinião sobre temas do cotidiano, por meio das cartas dos leitores ou em colunas destinadas especificamente a dúvidas, questionamentos ou reclamações. Esse caderno também contempla artigos de opinião, charges e colunas, evidenciando posicionamentos de jornalistas ou especialistas sobre os mais variados temas. A saúde está entre esses temas, bem como o SUS, uma vez que a pesquisa evidenciou que a seção *Opinião* equivale a uma editoria que muito frequentemente aborda o SUS tanto no jornal *A Gazeta* quanto em *A Tribuna*.

Esse achado demonstra a participação popular principalmente em relação ao acesso aos serviços de saúde pública em seus municípios, por meio dos espaços opinativos “Dona Encrenca”, em *A Gazeta*, e “Qual a Bronca?”, de *A Tribuna*. Essas colunas fazem parte do espaço destinado aos leitores para direcionarem aos jornais, por meio de pequenas cartas, suas contestações sobre situações variadas que acontecem em seus cotidianos. Diariamente, são escolhidos pelos jornais dúvidas, desapontamentos e requisições sobre o Sistema Único de Saúde em ambas as colunas, sendo os problemas apresentados nelas os mesmos, a cada jornal que se lê: falta de atendimento, falta de remédios, falta de médicos e muita fila de espera por atendimento.

Nesse sentido, Machado¹⁵ destaca que a mídia aparece como um espaço que dá notoriedade para as pessoas buscarem seus direitos de fala. No entanto, é a própria mídia que escolhe, dependendo de seus próprios critérios, as publicações que terão tal visibilidade. As respostas acumuladas pelos jornais particularmente incitam um olhar mais detalhado não apenas quanto às queixas dos leitores, uma vez que os serviços também são contatados com direito de resposta. Assim, os periódicos e a população são atores que se retroalimentam. A mídia jornalística é, portanto, mediadora desse conhecimento, ao passo que ela pauta e é pautada, promove agendas, mas também, inevitavelmente, apresenta e reapresenta os valores da sociedade contemporânea capixaba.

Oliveira³ esclarece que a mídia, em vez de promover o SUS diante do cidadão, ao deixar de melhor informar, tornará o sistema politicamente débil, o que faz com que ideologicamente as questões sobre o SUS não adquiram grandes proporções em âmbito popular e com que o

debate se delimite apenas a certos grupos da sociedade. Assim, percebe-se que tanto *A Gazeta* quanto *A Tribuna* frequentemente se utilizam dos mesmos critérios para retratar e caracterizar o sistema público de saúde vigente, ou seja, recorrem a pautas repetitivas sobre as mazelas, como a dificuldade de se ter acesso à saúde pública no estado. Com isso, ambos os periódicos contribuem para a formação de uma interpretação predominantemente negativa.

Esses critérios de noticiabilidade também podem ser observados por meio da fala dos entrevistados, os quais enfatizam que os jornais priorizam as notícias de saúde com temática negativa e de denúncia:

Denúncia, tem ocorrido muito, crescido muito as matérias de saúde, porém denúncias, [...] Falta de atendimento, que é a pessoa tentar a consulta e não conseguir, tentar um exame e não conseguir, tentar um tratamento e não conseguir, uma cirurgia e não conseguir, [...] superlotação, falta de estrutura em geral, [...] tudo isso aí a gente faz e foca nas reportagens (Jornalista B).

Outros estudos também enfatizam que há um predomínio das notícias de saúde de caráter negativo¹⁶. Do mesmo modo, Barlett, Sterne e Egger¹⁷, ao avaliarem as matérias de saúde publicadas nos jornais *The New York Times* e *The Sun*, concluem que as notícias de conteúdo negativo, as *badnews*, foram mais publicadas nos jornais analisados em relação às notícias de cunho otimista.

Dessa forma, percebe-se que os sentidos de saúde produzidos nas matérias sobre o SUS tendem a focar em doenças e demandas assistenciais, fomentando disputas simbólicas enfraquecedoras desse sistema, uma vez que não promovem o debate colaborador entre outros saberes e setores, como as propostas informativas que privilegiem a prevenção, a educação para a saúde e o debate sobre as condições econômicas e socioculturais que podem conduzir a uma melhor qualidade de vida¹⁸.

Em direção semelhante, estudos afirmam que jornalistas que escrevem sobre saúde deveriam ter uma aproximação maior no tocante às políticas de saúde, já que, dessa forma, poderiam transmitir informações que contribuíssem para os cidadãos conhecerem melhor o funcionamento do SUS¹⁹. Matérias que pudessem instruir a população sobre como utilizar o SUS de maneira eficiente não foram encontradas. Além disso, não houve notícias que explicassem de fato o funcionamento do sistema, como a importância da Atenção Primária em Saúde (APS) e sua eficácia. A APS,

porta de entrada do SUS, objetiva fornecer atenção integral ao paciente durante o seu atendimento, tornando o sistema mais eficaz. Esse tipo de informação disponibilizada ao cidadão contribuiria para descarregar a lotação em prontos-socorros e prontos atendimentos²⁰.

Ademais, as notícias citam as problemáticas do SUS sem considerar o contexto dessas situações. Não há uma preocupação em entender ou em explicar para a sociedade por que existem essas adversidades no sistema público, tampouco em apontar os avanços já alcançados pela saúde pública brasileira. Paralelamente, muitas sugestões de pautas positivas enviadas pelas assessorias de comunicação das secretarias de saúde do Estado são negligenciadas, priorizando-se a exploração das mazelas no cenário regional de saúde²¹.

Cabe, portanto, questionar o porquê dessa falta de uma maior problematização sobre a saúde e sobre o SUS nos jornais. Trata-se de questões complexas e multifacetadas, que perpassam os aspectos relacionados à posição ideológica do jornal, à rotina produtiva, aos valores-notícia⁶ e à falta de formação profissional do jornalista em saúde²¹ — mas não se limitam a estes. Dizem respeito, também, às questões inerentes ao próprio campo da saúde, alicerçado em um modelo biomédico ainda hegemônico, fomentado pelo discurso do risco e pela concepção da saúde como ausência de doença²². Acrescenta-se ainda a valorização de ideais mercadológicos de saúde, que exaltam a saúde privada em detrimento do SUS. Assim, esse viés privatista da saúde a transforma em produto altamente lucrativo também para as empresas jornalísticas²³, haja vista a grande quantidade de anunciantes de empresas de saúde nos periódicos brasileiros²⁴.

O produto final disso é a realidade do que se lê nos jornais diariamente sobre a saúde pública, com manchetes que chamam atenção de forma negativa e sem o devido esclarecimento do que acontece no SUS, evidenciando apenas uma única representação: o Sistema Único de Saúde ainda não é capaz de ajudar, de fato, o cidadão.

Assim sendo, embora seja importante mostrar os problemas, também se faz essencial que os profissionais dos meios de comunicação divulguem o “SUS que dá certo”, o qual não se resume a hospitais, mas também inclui programas e políticas abrangentes na sociedade (imunização, vigilância sanitária e epidemiológica, academias populares), além de um ato político, na esfera pública, um ato democrático de direito de todos²⁵.

Para que haja, de fato, um jornalismo capaz de, além de informar, também educar sobre questões de saúde, é necessário empenho no processo de elaboração das notícias. Além disso, para que um dos alicerces do SUS, o controle social, possa ser posto em prática, é necessário que a sociedade saiba mais profundamente sobre o SUS e compreenda seus ideais, e, assim, poderá haver progresso prático. Os profissionais da saúde, bem como os da comunicação precisam conhecer de modo intrínseco o SUS, para, assim, prestar um serviço fundamental ao cidadão brasileiro: o de informá-lo sobre seus direitos e sobre o funcionamento do sistema de saúde brasileiro para se obter uma maior reflexão sobre o tema²⁶.

O estudo de Machado¹⁵ também indica o mesmo direcionamento de desconfiança alarmada trazida pelas páginas do jornal *O Globo* sobre o SUS, na medida em que revela que títulos e textos da mídia dificilmente focam em aspectos que deram certo em relação ao sistema de saúde brasileiro.

É certo que a prática do jornalismo recai em torno da repetição, muitas vezes, devido à rotina nas redações: a escassez de tempo para a conclusão das matérias do dia; a utilização das mesmas fontes, muitas vezes, por ser mais fácil e rápido; a utilização rotineira das mesmas pautas; o mesmo direcionamento em diferentes notícias porque o exercício do jornalismo no mundo contemporâneo está sujeito ao horário, ao tempo. A pressão do horário para o fechamento do jornal condiciona o trabalho do jornalista, que tem de reagir às imposições dos fatores tempo, hierarquias do jornal, subordinação aos donos da empresa e impetuosa competitividade que cerca a profissão²⁷.

Por meio das entrevistas, os jornalistas deixam claro que não há um curso de especialização para serem produzidas matérias de saúde, ou seja, todo o conhecimento é obtido na prática do dia a dia. Destacam também que a sua rotina é bastante árdua e que existe uma rotatividade de jornalistas. Desse modo, quando um dos jornalistas passa a adquirir experiência, podendo compreender termos técnicos da saúde, ele já está em processo de saída dessa rotina, pois não deseja mais se submeter ao ritmo da redação. Esse ciclo, portanto, dificulta ainda mais a realização de treinamentos voltados à realização de matérias de saúde.

Eu fiquei cinco anos em A Tribuna... o que é um recorde, porque geralmente são poucos repórteres que ficam mais de

três, quatro anos numa redação, o ritmo é muito puxado... (Jornalista C).

Agora saiu repórter, entrou repórter, tem um pouco de rotatividade... (Jornalista A).

Aprender esses termos técnicos é na prática, é no dia a dia (Jornalista A).

No mesmo sentido, Friedman, Tanner e Rose²⁸ realizaram estudo qualitativo a fim de verificar o estado atual do jornalismo de saúde por meio das percepções dos jornalistas que escrevem a respeito de saúde na mídia americana. Quando perguntado aos jornalistas se haviam recebido treinamento em comunicação com linguagem simples ou competência cultural para publicação de matérias com foco em saúde, a maioria dos entrevistados relatou não ter obtido nenhum treinamento formal nessas áreas.

Os resultados do presente estudo evidenciaram que as matérias sobre saúde nos periódicos capixabas não receberam muitos recursos gráficos em suas abordagens. Os que mais aparecem nas matérias sobre o SUS e outros temas da saúde são as fotografias: 50,7% das notícias sobre o sistema dispuseram de fotos, e 61,6% das outras matérias referentes à saúde se fizeram valer também desse recurso visual. Os outros elementos de edição, como infográficos (1,3%), ilustrações (5,2%) ou gráficos (1,1%), não tiveram grande destaque nas matérias sobre o SUS.

Os jornalistas entrevistados informaram que a divulgação de notícias se articula com o que eles consideram como necessidade de informação para o público, ou seja, notícias com as quais o leitor vai se identificar, um assunto atrativo:

O parâmetro é [...] vai atingir muita gente? (Jornalista A).

Então a gente precisa de matérias que deem leitura, que sejam interessantes, e que tenham algum enfoque, que falam diretamente com o leitor [...]. Um enfoque que vai aguçar a curiosidade, que vai chamar a atenção, porque fazer aquelas matérias burocráticas, chatas que ninguém vai ler, só pra dizer que você tá tratando de um assunto, não vale a pena (Jornalista C).

Os jornalistas informam que um dos destaques na divulgação de notícias cuja temática é saúde são as histórias que comovem o leitor, como pode ser exemplificado na fala dos entrevistados, a seguir.

Uma menina que está com uma doença rara, que precisa de tratamento e que está lutando na justiça pra conseguir a cirurgia... aí é um história, aí chama a atenção, mesmo que seja só o casinho dela, [...] chama a atenção, é uma coisa que comove toda a população... (Jornalista A).

Essas falas vão ao encontro dos achados de Carlini²⁶, por corroborarem que os jornalistas procuram histórias de saúde que prendam a atenção dos leitores, comovendo-os, o que justifica a divulgação de matérias alarmistas e incompletas sobre problemas de saúde.

CONCLUSÃO |

A pesquisa mostrou que os jornais capixabas pautam rotineiramente assuntos pertinentes à saúde e especificamente ao Sistema Único de Saúde, demonstrando que o tema é reconhecido como de interesse público. Evidenciou-se no presente estudo que os jornalistas enfrentam dificuldades em sua rotina de trabalho, marcada pela precariedade das redações, agravadas pela ausência de equipes/editorias especializadas em saúde, pela rotatividade dos profissionais e pela falta de incentivo à capacitação dos jornalistas responsáveis por matérias relacionadas à saúde.

Vale ressaltar que a produção noticiosa (com a rotina produtiva e os valores-notícia que a norteiam) está inserida numa cultura jornalística a qual valoriza os acontecimentos extraordinários e atuais, na qual a pauta de saúde usualmente se enquadra quando há epidemias, divulgação de novas biotecnologias, questões de estética e dicas de saúde, notícias com viés negativista, bem como as comoventes histórias de vida. Entretanto, questões inerentes ao campo da saúde decorrentes da hegemonia do modelo biomédico e de ideais mercadológicos predominantes também contribuem para a exaltação da saúde privada em detrimento do SUS, perpetuando uma cobertura da saúde pública brasileira focada nas denúncias de mazelas do sistema. O SUS que dá certo raramente é pautado pela imprensa.

Entende-se que o jornalismo em saúde representa um dispositivo de comunicação e educação em saúde, o qual fomenta a opinião pública. Assim, faz-se necessária uma maior problematização a respeito das rotinas produtivas de notícias, bem como das disputas de poder que permeiam a saúde pública a fim de potencializar mudanças positivas no perfil das pautas sobre a saúde e o SUS.

REFERÊNCIAS |

1. Thompson JB. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 2. ed. Petrópolis: Vozes; 2012.
2. Cavaca AG, Emerich TB, Silva PRV, Santos Neto ET, Oliveira AE. Diseases neglected by the media in Espírito Santo, Brazil in 2011-2012. *PLoS Negl Trop Dis*. 2016; 10(4):e0004662.
3. Oliveira VC. A comunicação midiática e o Sistema Único de Saúde. *Interface (Botucatu)*. 2000; 4(7):71-80.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Comunicação eficaz com a mídia durante emergências de saúde pública: um manual da OMS. Brasília: Ministério da Saúde; 2009.
5. Lerner K, Sacramento I. Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2014.
6. Traquina N. Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são. v. 1. 3. ed. Florianópolis: Insular; 2012.
7. Paim JS. O que é o SUS. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2009.
8. Araújo IS, Cardoso JM. Comunicação e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2007.
9. Ferreira GM [Internet]. O posicionamento discursivo de “A Gazeta” e “A Tribuna” (Vitória-ES / Brasil): uma explicação para entender a evolução de suas tiragens [acesso em 2017 set 2017]. Disponível em: URL: <<http://www.eca.usp.br/associa/alaic/chile2000/11%20GT%202000Discurso%20e%20Comunic/GiovandroFerreira.doc>>.
10. Castilho C. Morrem os jornais, surgem as marcas jornalísticas. *Observatório da Imprensa*. 2015 set 25.
11. Brasil. Comunicação eficaz com a mídia durante emergências de saúde pública: um manual da OMS. Brasília: Ministério da Saúde; 2009.
12. Bardin L. Análise de conteúdo. 3. ed. Lisboa: Edições 70; 2011.
13. Thiollent M. Metodologia da pesquisa-ação. 17. ed. São Paulo: Cortez; 2009.
14. Cavaca AG, Gentili V, Zandonade E, Cortellete Júnior MC, Emmerich A. A saúde bucal na mídia impressa: análise das matérias jornalísticas nos anos de 2004-2009. *Ciênc Saúde coletiva*. 2012; 17(5):1333-45.
15. Machado IB. Título do capítulo. In: Lerner K, Sacramento I. Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2014. p. 235-50.
16. Goetz ER, Camargo BV, Bertoldo RB, Justo AM. Representação social do corpo na mídia impressa. *Psicol Soc*. 2008; 20(2):226-36.
17. Barlett C, Sterne J, Egger M. What is newsworthy? Longitudinal study of the reporting of medical research in two British newspapers. *BMJ*. 2002; 325: 81-4.
18. Bueno WC. A cobertura de saúde na mídia brasileira: os sintomas de uma doença anunciada. In: Melo JM, Epstein I, Sanches C, Barbosa S, organizadores. Mídia e saúde. Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI; 2001. p. 671-89.
19. Ortona C, Fortes PAC. Jornalistas que escrevem sobre saúde conhecem a humanização do atendimento? *Saúde Soc*. 2012; 21(4):909-15.
20. Souza FM, Covre BF, Almeida AF, Procópio RR, Flegeler DS, Lima RCD. Sistema Único de Saúde (SUS): limites, possibilidades e interesses revelados pela mídia capixaba. *Rev Bras Pesq Saúde*. 2011; 13(1):67-72.
21. Emerich TB, Cavaca AG, Santos-Neto ET, Gentili VI, Oliveira AE. Media Valuations of health journalism and health dynamics in brazilian printed media. *International Journal of social science studies*. 2017; 5(1):31-41.
22. Ayres JRCM. Sobre o risco: para compreender a epidemiologia. 3. ed. São Paulo: Hucitec; 2008.
23. Zallo Elguezabal R. Economía de la comunicación y la cultura. Madrid: Akal; 1988.
24. Kantar IBOPE Media [Internet]. Retro perspectiva: investimento mercado publicitário 2014 [acesso em out 2017]. Disponível em: URL: <http://www4.ibope.com.br/media/investimento_publicitario_2014/>.
25. Teixeira CF, Souza LEPF, Paim JS. Sistema Único de Saúde (SUS): a difícil construção de um sistema universal

na sociedade brasileira. In: Paim JS, Almeida Filho N, organizadores. Saúde coletiva: teoria e prática. Rio de Janeiro: Medbook; 2014. p. 121-37.

26. Carlini M. Análise das notícias sobre ciência em saúde dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Rev do EDICC (Encontro de Divulgação de Ciência e Cultura). 2012; 1(1):314-20.

27. Traquina N. Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transicional. 3. ed. v. 2. Florianópolis: Insular; 2013.

28. Friedman DB, Tanner A, Rose ID. Health journalists' perceptions of their communities and implications for the delivery of health information in the news. *J Community Health*. 2014; 39(2):378-85.

Correspondência para/Reprint request to:

Thalita Mascarelo da Silva

Universidade Federal do Espírito Santo,

Av. Marechal Campos, 1468,

Maruípe, Vitória/ES, Brasil

CEP: 29043-900

Tel.: (27) 3335-7287

E-mail: thalitaml@botmail.com

Recebido em: 20/06/2017

Aceito em: 08/11/2017